



Recebido em: 27/08/2025

Aprovado em: 10/11/2025

Publicado em: 23/12/2025

DO MUNDO DA VIDA AO PONTO CEGO:

**o esquecimento da experiência na atividade científica à luz do diálogo
entre Husserl e Frank**

FROM THE LEFWORLD TO THE BLIND SPOT:

**the forgetting of experience in scientific activity in light of the dialogue
between Husserl and Frank**

Carolina Fragomeni⁸⁷

Resumo

O presente ensaio investiga o apagamento da experiência vivida no campo científico a partir do diálogo entre Edmund Husserl, em *A Crise das Ciências Europeias e a Fenomenologia Transcendental* (1936), e Frank, Gleiser e Thompson, em *The Blind Spot: Why Science Cannot Ignore Human Experience* (2024). Em ambas as obras, denuncia-se a crescente tecnicização e matematização do saber, que culmina na perda de sentido da atividade científica ao desconsiderar seu fundamento originário: a experiência concreta. Para Husserl, a ciência moderna, ao adotar uma visão objetivista, esqueceu-se do *Lebenswelt* (mundo da vida), que sustenta toda atividade humana e científica. Já os autores de *Blind Spot* atualizam essa crítica ao apontarem o *ponto cego* da ciência contemporânea: a incapacidade de reconhecer a experiência como condição de possibilidade do próprio fazer científico. Em um contexto marcado por desafios como a crise climática, a inteligência artificial, o negacionismo científico e a polarização política, a crise husserliana reaparece de modo intensificado. Enquanto Husserl propõe a fenomenologia transcendental como saída da crise, entendida como retorno às essências e resgate da subjetividade transcendental como condição do conhecimento, Frank e outros defendem, então, a necessidade de integrar subjetividade e objetividade em novos modelos de investigação, como a neurofenomenologia, capaz de articular relatos de experiência com dados empíricos.

Palavras-chave: Husserl. Fenomenologia transcendental. Cientificidade. Mundo da vida.

Abstract

This essay investigates the erasure of lived experience in the scientific field through the dialogue between Edmund Husserl, in “The Crisis of European Sciences and

⁸⁷ Graduada em Filosofia (Bacharelado) e Mestranda em Filosofia Crítica e Social na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Graduanda em Direito na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). E-mail: carolfragomeni@gmail.com



Transcendental Phenomenology” (1936), and Frank, Gleiser, and Thompson, in “The Blind Spot: Why Science Cannot Ignore Human Experience” (2024). Both works denounce the growing technicization and mathematization of knowledge, culminating in the loss of meaning of scientific activity by disregarding its original foundation: concrete experience. For Husserl, modern science, by adopting an objectivist vision, has forgotten the *Lebenswelt* (lifeworld), which sustains all human and scientific activity. The authors of **Blind Spot** update this critique by pointing out the blind spot of contemporary science: the inability to recognize experience as a condition for the possibility of scientific endeavor itself. In a context marked by challenges such as the climate crisis, artificial intelligence, scientific denialism, and political polarization, the Husserlian crisis reappears in an intensified form. While Husserl proposes transcendental phenomenology as a way out of the crisis, understood as a return to essences and the recovery of transcendental subjectivity as a condition of knowledge, Frank and others argue for the need to integrate subjectivity and objectivity into new research models, such as neurophenomenology, capable of articulating accounts of experience with empirical data.

Keywords: Husserl. Transcendental phenomenology. Scientificity. Lifeworld.

INTRODUÇÃO

A experiência é uma das principais formas de expressão da humanidade, e é também o solo onde se sedimenta o operar científico. Porém, muitas vezes, ela acaba por ser encoberta devido aos processos de formalização científica, que ocasionam um esvaziamento no seu próprio sentido. Na década de 30, Husserl já alertava para a crise das ciências e da existência no livro “A Crise das Ciências Europeias e a Fenomenologia Transcendental”. O tema, resgatado quase 90 anos após a publicação da obra husserliana, é retomado em “*The Blind Spot: Why Science Cannot Ignore Human Experience*” de Frank, Gleiser e Thompson.

O que une as duas obras é a denúncia do afastamento da ciência em relação à experiência vivida. Isso porque, por mais que a experiência seja o fundamento da atividade científica, a crescente tecnicização, especialmente da matemática e da física, ocasionou uma perda de sentido e de legitimidade no operar científico. Assim, ocorreria um esquecimento da experiência como fundamento e ponto de partida da atividade científica, abordado por Husserl no século XX como uma “perda do mundo da vida”, e por Frank como um “ponto cego”. Em ambos os casos, demonstra-se uma necessidade de reorientar a racionalidade científica, para que esta reintegre a subjetividade como condição de sentido. No século XX, Husserl sugere como solução comum para todas essas crises interligadas, a fenomenologia transcendental; e no século XXI, os autores



de *Blind Spot* atuam como herdeiros críticos da obra husserliana, atualizando seu diagnóstico no contexto das novas tecnologias.

Deste modo, o objetivo principal deste ensaio é analisar o apagamento da experiência concreta na prática científica a partir dos conceitos de *Lebenswelt* (Mundo da Vida), em Husserl, e *Blind Spot* (ponto cego) em Frank. Mais precisamente, visa-se entender como esses conceitos explicam a negligência da experiência, estabelecendo um diálogo entre a obra de Husserl e Frank. Procura-se, assim, refletir sobre a como a crise das ciências do século XX se repete, de certa maneira, nos dias atuais.

1. A CRISE, MUNDO DA VIDA E FENOMENOLOGIA TRANSCENDENTAL EM HUSSERL

“A Crise das Ciências Europeias” de Husserl é mais do que uma denúncia de uma crise epistemológica, trata-se de uma denúncia de uma crise espiritual e existencial da Europa. Isso porque se os processos racionais de conhecimento estão em crise, também o próprio sentido da existência e da humanidade estariam em crise, na medida em que há uma relação direta entre o processo de conhecer, o objeto a ser conhecido e importância de sua descoberta para vivência humana. Para o autor, por mais que a ciência houvesse conquistado tantos avanços, a humanidade estaria vivenciando uma crise existencial. Após a Primeira Guerra Mundial, Husserl e outros filósofos alemães refletiam sobre a “natureza da cultura contemporânea e a necessidade de uma revisão da tarefa da filosofia e de uma “renovação” (Erneuerung) dos valores ocidentais ou “europeus” da humanidade” (Moran, 2012, p. 33), uma vez que percebiam o continente europeu desencantado com o progresso civilizatório do Ocidente. A crise surge, assim, como uma face do fracasso europeu, apesar de todos os avanços tecnológico-científicos. Nesse viés, Husserl articula sua *Krisis* como um “profundo questionamento crítico e reflexão sobre o significado da humanidade e os ideais humanistas do Iluminismo” (Moran, 2012, p.5). A partir dessa percepção, de que a sociedade necessitaria de uma cura para a desesperança da época, Husserl “embarca em uma investigação intensiva sobre o significado da interpenetração cultural humana com o mundo, o mundo da experiência viva, o que ele chama de “mundo da vida” (*Lebenswelt*), [...] como uma forma de reorientar e fundamentar tanto as ciências naturais quanto as humanas” (Moran, 2012, p.5).



Partindo do ideal renascentista, que buscava restaurar as bases de autorrealização inauguradas pelos gregos antigos, a crise husserliana se desmembra como uma consequência direta da revolução objetivista: “uma revolução caracterizada pelo seu ideal quantitativo de método, sua nítida distinção entre fatos e valores, e sua insistência de que a ciência e somente a ciência podem descrever a realidade como ela é em si mesma” (Zahavi, 2003, p.126).

Husserl não pretende, entretanto, dizer que as ciências fracassaram, a ponto de entrarem em crise. Pelo contrário, o paradigma objetivista da ciência foi, de fato, bem sucedido. No entanto, “as ciências positivas tiveram um sucesso tão imenso que não refletem mais sobre seus próprios fundamentos e eventuais limitações, mas apenas se preocupam com questões técnicas avançadas [...] como também perderam sua relevância existencial” (Zahavi, 2003, p. 125). Isto é, percebe-se que as ciências evoluíram tanto a ponto de não refletirem mais a sensibilidade humana examinada por elas: tudo passou a ser resumido em códigos, fórmulas e tabelas científicas, que afastam a estrutura humana do produto final. Perde-se, assim, o sentido do fazer científico na medida em que ele não revela mais em si sua característica principal e norteadora: a humanidade.

Para tanto, a fim de superar a crise das ciências, Husserl introduz o conceito nuclear de sua obra, que permite entender o princípio do esquecimento da experiência, e de que modo pode-se solucionar esse problema. O “mundo da vida” (*Lebenswelt*) é o “único mundo alguma vez experienciado e experienciável” (Husserl, 2012, p. 38). Esse conceito articula-se de modo complexo na sua obra pois “embora constitua o fundamento histórico e sistemático da ciência, foi esquecido e reprimido por ela” (Zahavi, 2003, p. 126).

Para o autor, o mundo da vida é a estrutura pela qual compartilhamos sentidos e valores (estéticos, éticos, científicos), ao mesmo tempo que pode ser entendido como um solo comum de empreendimentos. É sobre esse terreno comum, permanente e pré-reflexivo que a ciência se desenvolve e floresce, pois o cientista parte deste para realizar suas experiências e pesquisas. Desde a Grécia antiga, a compreensão de verdade e conhecimento sempre esteve relacionado à ideia teleológica de “uma ciência universal, que abrange todo o conhecimento possível na sua infinitude [...]” (Husserl, 2012, p. 99). Como bem articula Moran, o mundo da vida pode ser definido como



O mundo do mundo pré-dado, familiar, presente, disponível e circundante, incluindo tanto a "natureza" quanto a "cultura" (sejam quais forem as suas definições), que nos envolve e está sempre presente, como algo dado como certo. O mundo da vida também fornece um conjunto de horizontes para toda a atividade humana. O mundo da vida é, nos termos de Husserl, o "fundamento" de todo significado e atividade proposital humana (Moran, 2012, p. 7).

Assim, a validade objetiva de toda a tarefa da ciência exige que se comece por indagar acerca do mundo da vida pré-dado, apresentando-se como um universal-comum. Nesse sentido, Husserl defende a primazia do mundo da vida em relação ao mundo científico. Isso porque o autor entende que a tecnicização científica do pensar forma um processo de simbolização, esvaziando seu próprio sentido.

A roupagem de ideias da “matemática e ciência matemática da natureza”, ou a roupagem dos símbolos, das teorias simbólico-matemáticas, abrange tudo aquilo que, para os cientistas, assim como para os homens instruídos, substituí o mundo da vida e o mascara, como a natureza “objetivamente efetiva e verdadeira” (Husserl, 2012, p. 41).

O autor conclui que o processo de matematização da natureza, como o emprego de fórmulas e símbolos para descrevê-las, auxilia, evidentemente, a tarefa do cientista na experiência, promovendo maior grau de certeza e precisão no operar científico. Mas, devido ao fato deste processo nascer desse solo empírico, há um encobrimento do pensar originário por meio da substituição da realidade vivida pelo emprego matemático. Desta forma, se perde o pensar originário do mundo concreto intuível, que, paradoxalmente, também serve de base para a formalização e simbolização.

A matematização, com as fórmulas por ela alcançadas, é, então, a realização decisiva para a vida. A partir destas considerações compreende-se que o interesse apaixonado do pesquisador da natureza se dirige de imediato, logo com a primeira concepção e execução do método, para este terreno decisivo da realização de conjunto indicada, ou seja, para fórmulas, e, sob o título de "método científico-natural" [...] Este "sentido como fórmulas" carece agora de um melhor esclarecimento, em especial no que se refere à perda de sentido que se dá inevitavelmente com a formação e exercício artificial dos métodos. [...] Há, então, que considerar, neste ponto, o enorme efeito, num certo aspecto salutar, num outro, funesto, dos modos de pensar e das simbolizações algébricas que desde Vieta, ou seja, já antes de Galileu, se divulgaram na Modernidade. Em primeiro lugar, elas significam uma ampliação gigantesca das possibilidades do pensamento aritmético herdado nas antigas formas primitivas. Este se torna, agora, um pensar apriorístico livre, sistemático e inteiramente liberto de toda a efetividade intuível, sobre números em geral, correlações e leis numéricas. Logo que é aplicado, com todas as suas ampliações, na geometria, em toda a matemática pura das figuras espaço-temporais, estas se tornam inteiramente formalizadas de modo algébrico com um propósito metódico. Surge, então, uma 'aritmética da geometria': uma aritmética de todo o domínio das puras figuras (das retas, dos círculos,



dos triângulos, dos movimentos, das relações de lugar ideais etc.) (Husserl, 2012, p. 34).

Esse solo “encoberto”, gerando uma perda de sentido e a conseqüente crise das ciências. Isto é, o esquecimento do sentido do mundo da vida. Percebe-se, então, que o mundo da vida é o fundamento do próprio modo de operar científico, uma vez que as ciências estão construídas sobre sua obriedade, usando-a para a realização de seu fim. No entanto, seu encobrimento é também a causa da crise científica. Como conseqüência, tem-se uma automatização da racionalidade moderna, de modo que esta se torna cega à vida concreta.

De certo modo, esta aritmetização da geometria conduz como que por si mesma ao esvaziamento do seu sentido. As idealidades efetivamente espaço temporais, tal como originalmente se expõem no pensar geométrico sob o título usual de “intuições puras”: transformam-se, por assim dizer, em puras figuras numéricas, em configurações algébricas. No cálculo algébrico faz-se automaticamente retroceder, ou abandona-se mesmo por completo, o significado geométrico; calcula-se, e só no fim se recorda que os números deviam significar grandezas. Não se calcula, porém, “mecanicamente” como nos cálculos numéricos habituais; pensa-se, inventa-se, fazem-se eventualmente grandes descobertas - mas com um sentido insensivelmente deslocado, “simbólico”: Daí advém, mais tarde, um deslocamento metódico inteiramente consciente - uma transição metódica, por exemplo, da geometria para a análise, tratada como ciência autônoma, e uma aplicação à geometria dos resultados nela alcançados (Husserl, 2012, p.35).

De modo particular, Husserl atribuí à Galileu, o papel de “descobridor e encobridor” do solo do mundo da vida. Isso porque “ele descobre a natureza matemática, a ideia metódica, desbrava o caminho para a inaniidade dos descobridores e das descobertas físicas [...] é um descobrimento-encobrimento, e tomamo-lo até hoje como a pura verdade” (Husserl, 2012, p.42). E, assim, percebe-se que há uma “redução” do mundo à objetividade: esquece-se que o mundo é primeiramente vivido e experienciado subjetivamente, para depois ser tecnicizado. Por mais que o cientista tente se descolar da subjetividade do mundo da vida, essa instância não pode ser superada, pois o seu fazer científico parte desse campo, e, posteriormente, retorna ao mesmo para confirmação

O saber do mundo científico objetivo “funda-se” na evidência do mundo da vida. Ele é dado de antemão ao trabalhador científico e à comunidade de trabalho como solo. No entanto, embora seja construído sobre este solo, o edifício é novo, é um outro. Se deixarmos de estar imersos no nosso pensar científico, aperceber-nos-emos de que os cientistas são homens e, como tais, partes constituintes do mundo da vida, para nós sempre existente,



continuamente pré-dado, e a ciência inteira se insere, então, juntamente conosco, no mundo da vida o meramente "relativo ao sujeito" (Husserl, 2012, p. 106).

Ao posicionar-se no solo do mundo da vida, desconsideram-se, então, todos os conhecimentos objetivo-científicos, realizando a *epoché* fenomenológica. Husserl defende que é preciso considerar os processos subjetivos e intersubjetivos do próprio conhecimento para entender o que é ciência, e desta forma, a subjetividade e o sentido originário da experiência poderão ser resgatados por meio da fenomenologia (uma vez que pode ser entendida como um retorno às essências e ao "mundo da vida").

A fenomenologia de Husserl pode ser entendida como “a ciência descritiva de experiências vividas conscientemente e dos objetos dessas experiências, descritos precisamente na maneira como são vivenciados” (Moran, 2012, p.4). Todavia, não é mais uma filosofia dentre outras, mas sim uma forma madura da filosofia moderna em si, “a forma mais elevada de filosofia transcendental, o epítome do pensamento autoconsciente que questionou suas próprias suposições e, portanto, pode ser genuinamente visto como a forma mais radical e fundamental de reflexão” (Moran, 2012, p.8).

Nesse viés, Husserl entende que precisa-se suspender os juízos acerca das crenças que cada um possui a respeito de como o mundo se revela. Assim, todas as afirmações que seriam feitas sobre a existência do mundo não seriam negadas, mas suspensas, ou ainda, “colocadas entre parênteses”. E, ao realizar tal ato, o que restaria seria um resíduo do mundo, ou seja, o mundo como fenômeno de existência. Percebe-se que, em última instância, o que resta é o território da subjetividade (não psicológica, pois esta foi suspensa) mas transcendental, pura. Assim, esta subjetividade transcendental não é parte do mundo, uma vez que a prática científica e da vida cotidiana se dão em uma superfície do solo. A proposta fenomenológica transcendental de Husserl permite, então, um retorno à estrutura do mundo da vida, pondo o sujeito em contato com o transcendental e resgatando a importância da experiência vivida face ao objetivismo científico que a encobriu.

2. O PONTO CEGO EM FRANK

A crise da ciência e da legitimidade articulada por Husserl no século passado se projeta nos dias atuais. Em “*The Blind Spot: Why Science Cannot Ignore Human*



Experience”, os autores atualizam o cenário husserliano, retomando a crítica à cientificidade como separação da existência. Agora, diferentemente dos anos 30, a crise parece englobar mais desafios: crise climática, avanço da inteligência artificial, negacionismo científico e polarização política. No entanto, não deixa de ser uma continuação do cenário de incertezas sobre as limitações da ciência e do conhecimento humano. “A polarização entre o triunfalismo científico e a negação da ciência, combinada com a ameaça existencial ao mundo da vida decorrente das mudanças climáticas causadas pelo homem, indica que exacerbamos o problema neste século. A crise de Husserl ainda é a nossa crise” (Frank *et al*, 2024, p. 23).

A expressão “ponto cego” indica uma metáfora crítica: a ciência vê muito, mas não vê a si mesma como prática situada e existencialmente condicionada. Essa perspectiva direciona o pensamento das pessoas para um viés específico, englobando os avanços tecnológicos, o aumento do poder econômico e militar, e as medidas utilizadas para cuidar de recursos naturais, tecnologias da informação e inteligência artificial. O ponto cego instaura-se, juntamente com esses conceitos, com o advento das formulações e abstrações matemáticas, consideradas pelos cientistas como “o que é verdadeiramente real e à desvalorização do mundo da experiência imediata, que Husserl chamou de “mundo da vida”” (Frank *et al*, 2024, p. 23). A humanidade moderna perde de vista, portanto, o fato de que a realidade e o significado são muito mais ricos do que a sua representação.

Chamamos a fonte da crise de significado de Ponto Cego. No cerne da ciência reside algo que não vemos e que torna a ciência possível, assim como o ponto cego reside no cerne do nosso campo visual e torna a visão possível. No ponto cego visual reside o nervo óptico; no ponto cego científico reside a experiência direta — aquela pela qual qualquer coisa aparece, se revela ou se torna disponível para nós. É uma pré-condição para observação, investigação, exploração, mensuração e justificação. As coisas aparecem e se tornam disponíveis graças aos nossos corpos e às suas capacidades de sentir e perceber (Frank *et al*, 2024, p. 13).

É precisamente esse o ponto que os autores pretendem modificar: a formulação de uma nova concepção de ciência que explicitamente reconhece a experiência corporificada como ponto de partida, ou seja, como algo que não possa ser completamente objetificado. Isso porque “Toda ciência é sempre nossa ciência, profunda e irredutivelmente humana, uma expressão de como experienciamos e interagimos com o mundo” (Frank *et al*, 2024, p. 17).



A crítica de Husserl serve como base à teoria do ponto cego pois, atualmente, enfrenta-se os mesmos desafios de sua época, ou ainda, mais intensificados. Um exemplo que ilustra a supervalorização da tecnicidade sobre a experiência é o da temperatura e do termômetro. A construção de termômetros depende inteiramente da validade das sensações do cientista de sentir quente e frio. A teoria da termodinâmica, contudo, parece ter encoberto a prática empírica conferindo uma concepção abstrata de temperatura, deturpada de elementos subjetivos. “Isso acontece quando ficamos tão presos na espiral ascendente de abstração e idealização que perdemos de vista as experiências concretas e corporais que ancoram as abstrações e permanecem necessárias para que sejam significativas” (Frank *et al*, 2024, p. 15). Nos tornamos reféns do ponto cego ao confiar excessivamente na representação abstrata de temperatura introduzida pela termodinâmica, e não nas sensações pessoais de quente e frio.

Para Husserl, essa substituição é um erro fundamental. No desenvolvimento da cosmovisão científica moderna, que Husserl considera ter começado com Galileu, a representação abstrata e idealizada da natureza na física matemática é secretamente substituída pelo mundo real concreto, o mundo que percebemos. O mundo perceptivo é rebaixado ao status de mera aparência subjetiva, enquanto o universo da física matemática é promovido ao status de realidade objetiva. Assim, de acordo com essa forma de pensar, a temperatura ou a energia cinética média de átomos ou moléculas é o que é objetivamente real, mas as sensações de quente e frio são meras aparências subjetivas (Frank *et al*, 2024, p. 29).

Percebe-se aqui a atemporalidade da crítica husserliana: os cientistas atuais ainda experienciam o solo do mundo da vida, dado sensorial e concretamente. Em contrapartida, consideram como cruciais o mundo científico, que nada mais é do que um sistema ideal, que perpassa a experiência sensorial.

Enquanto os objetos no mundo da vida são caracterizados por sua doação relativa, aproximada e perspectivista — quando eu experimento a água como fria, meu amigo pode experimentá-la como quente; minha perspectiva sobre a mesa não é completamente idêntica à do meu vizinho — os objetos da ciência são caracterizados como irrelativos, não perspectivistas, unívocos e exatos (Zahavi, 2003, p. 126).

Do mesmo modo, os autores tratam da questão do crescente uso das inteligências artificiais. Por mais que sejam capazes de desempenhar tarefas com um certo grau de autonomia, falta à essas ferramentas não apenas o conceito de “ser vivo” mas a experiência de estar vivo. Apesar de conseguir gerar textos, reconhecer imagens e jogar jogos que se baseiam em redes neurais e padronizações, as inteligências artificiais não conseguem ter capacidade de julgamento, entendimento de relevância ou qualquer tipo



de sensibilidade ao resultado apresentado. Isso porque jogos, e até carros que dirigem sozinhos com essas ferramentas, enfrentam situações imprevisíveis, e não são capazes de generalizar suas habilidades. Por exemplo, em contextos de carros que dirigem ou estacionam de forma autônoma, as condições climáticas, das rodovias e acidentes entre carros e pedestres interferem de maneira imprevisível na sua atuação. Difere, assim, de um indivíduo que joga um determinado jogo, consegue se aperfeiçoar e formar analogias, criando o conceito de relevância.

Estes são apenas alguns exemplos que demonstram uma continuidade e um certo reflexo do que Husserl já percebia no seu tempo, e, assim como o filósofo, Frank, Gleiser e Thompson entendem que as abstrações não são o real problema, mas sim a substituição definitiva da experiência pelo triunfalismo científico (Frank *et al*, 2024, p. 329). Os desafios se intensificaram e se diversificaram, mas o ponto de partida perdido é o mesmo: “A tragédia que o Ponto Cego nos impõe é a perda do que é essencial ao conhecimento humano — nossa experiência vivida. O universo e o cientista que busca conhecê-lo tornam-se abstrações sem vida” (Frank *et al*, 2024, p. 17).

Ainda, importa notar que em ambas as obras há uma proposta de retorno à subjetividade como base do conhecimento. Contudo, enquanto Husserl sugere uma ciência fenomenológica da experiência, os autores de *Blind Spot* operam como críticos da ciência contemporânea, com foco ético-político, propondo uma revisão epistemológica e ética do fazer científico, mas sem recorrer à transcendentalidade:

Assim, as melhores práticas no domínio da ciência e da sociedade incluem tomar consciência de como a história da ciência é contada ao público. Sem dúvida, essa história trata da profunda capacidade da imaginação humana e da nossa habilidade de prevalecer sobre a ignorância e o preconceito. Mas se a história for contada como uma de transcendência do humano, então ela se torna uma narrativa essencialmente religiosa sobre a busca por um conhecimento perfeito além da nossa finitude. Em vez de dizer que a ciência é um meio de nos elevarmos acima do grande e estranho mistério de sermos humanos no vasto mundo, uma história melhor seria que a ciência nos leva mais fundo nesse mistério, revelando novas maneiras de vivenciá-lo, de nos deleitarmos com ele e, acima de tudo, de valorizá-lo (Frak *et al*, 2024, p. 331).

O objetivo dos autores ao alertar para o ponto cego, é para que haja uma consciência coletiva do paradoxo causado pelo avanço científico. “Ao invés de tentar evitar esse paradoxo, devemos abraçá-lo” (Frank *et al*, 2024, p. 325). Na medida em que a ciência é um projeto colaborativo, o ponto cego precisa ser trazido à visão de todos, a fim de que se possa achar novos caminhos para além dele. O primeiro passo, portanto,



para superá-lo, é ter consciência de que “a construção teórica atual na ciência carrega o peso de suas perspectivas passadas. À medida que as comunidades de pesquisa progridem, elas frequentemente enfrentam momentos decisivos em que decisões entre diferentes estruturas explicativas são tomadas” (Frank *et al*, 2024, p. 328). Assim, muitos pontos de vista sedimentam-se em suposições que não foram analisadas, ou ainda, são transmitidos como conhecimentos gerais, fatos notórios, algo como “o que todos sabem”. E, assim, pode-se optar por seguir esse ponto de vista, ou explorar alternativas para deixar o ponto cego para trás.

Ao superar o Ponto Cego, podemos compreender adequadamente a importância crucial da objetividade como meio para o conhecimento público, sem transformá-la em uma ontologia duvidosa. Mais importante ainda, podemos apreciar quão notável é a atividade humana da ciência e quão necessária é a luta por sua integridade, sem torná-la um substituto para crenças filosóficas seculares que não são mais relevantes para onde estamos e para onde precisamos ir. (Frank *et al*, 2024, p. 331)

Não se trata de realizar o processo de fenomenologia transcendental sugerido por Husserl, uma vez que para os autores, busca-se enriquecer a ciência com a subjetividade, incorporando esta última como um dado legítimo. Por meio de um modelo de integração da experiência subjetiva com a investigação científica, é proposta a “neurofenomenologia”. Essa abordagem, entendida como um dos esforços mais promissores para ultrapassar o ponto cego, baseia-se na ideia de que pessoas que conseguem gerar e sustentar a “metaconsciência consciente” podem produzir relatórios qualitativos e temporais precisos sobre suas experiências, de modo que podem ser utilizados para revelar padrões de atividade no cérebro e no resto do corpo que, de outra forma, seriam perdidos. Em suma, é um tipo de atividade que pode ser bem sucedida “para obter novos insights sobre a experiência” (Frank *et al*, p. 291).

Por fim, vale ressaltar que a proposta dos autores é adequada para a enorme variedade de desafios que a ciência enfrenta no século XXI, pois estabelece um diálogo interdisciplinar entre as ciências naturais e a experiência. Se pretende, deste modo, incluir métodos de experiência e subjetividade à objetividade científica, a fim de resgatar a importância da experiência vivida, porém, sem deixar de lado as contribuições bem sucedidas da tecnicização da ciência.



CONCLUSÃO

O esquecimento da experiência concreta nas ciências é um problema estrutural já denunciado por Husserl nos anos 30 e radicalizado no diagnóstico de Frank em 2024. Ambos os conceitos, de mundo da vida e de ponto cego, convergem na crítica à abstração desumanizada do saber científico. Enquanto a tese husserliana ocupava-se de entender que a razão estava em crise pelo advento da Grande Guerra e a desesperança da população, o fundamento dos autores de *The Blind Spot* é o tempo de polarização político-social que vivencia-se no século XXI. Além disso, outros desafios se instauram hodiernamente: o negacionismo científico, as limitações e avanços da inteligência artificial e a (des)preocupação com o meio ambiente. Tomando essas ideias como norte, os autores entendem que o mesmo fenômeno acusado por Husserl na sua *Krisis*, a saber, de sobrevalorização da tecnicização e simbolização dos processos empíricos, se repete nos dias de hoje, porém de maneira mais intensificada.

Percebe-se que a crítica husserliana, articulada ao entorno do conceito central de “mundo da vida” - ao mesmo tempo fornecedor das bases do operar científico e solo esquecido pela crescente matematização da experiência - é extremamente atual. A diferença reside na solução que os autores conferem para retornar à experiência vivida.

Para Husserl, trata-se de suspender os juízos acerca das crenças que se têm sobre como o mundo se revela. A chamada *epochè* transcendental, ou a “colocação do mundo entre parênteses” revela-se como uma face do projeto fenomenológico de Husserl. Tem-se, assim, um resíduo do mundo, ou ainda, o mundo como fenômeno de existência. O futuro da cientificidade depende da capacidade de se reorientar a partir dos experimentos subjetivos, recuperando sua condição fenomenológica.

Já para os autores de *Blind Spot*, a fenomenologia transcendental de Husserl não se adequa ao século XXI. Precisa-se, de fato, retornar ao solo do mundo da vida resgatando a primazia da experiência vivida, mas de outro modo. A partir da consciência de que o ponto cego existe, e que precisa-se buscar alternativas para deixá-lo para trás, Frank, Gleiser e Thompson oferecem algumas alternativas de inclusão da subjetividade no operar objetivista científico. Como, por exemplo, a neurofenomenologia, que se apresenta como uma alternativa de incluir as experiências pessoais ao campo técnico científico. Logo, o diálogo promove visões complementares que se originam de um problema comum. Ainda se enfrenta a crise de Husserl, que se revela mais forte e desafiadora. No entanto, com novos desafios, tem-se, também, novos arsenais para



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação
filosófica, científica e tecnológica.

garantir o triunfo da racionalidade, o retorno ao mundo da vida, e a assistência mútua entre experiência e ciência.

REFERÊNCIAS

FRANK, Adam; GLEISER, Marcelo; THOMPSON, Evan. **The blind spot: why science cannot ignore human experience** Cambridge, Massachusetts. The MIT Press, 2024.

HUSSERL, Edmund. **A crise das ciências europeias e a fenomenologia transcendental: uma introdução à filosofia fenomenológica**. Tradução de Diogo Falcão Ferrer- 1.ed. - Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

MORAN, Dermot. **Husserl's Crisis of the European Sciences and Transcendental Phenomenology: an introduction**. Cambridge University Press. 2012.

ZAHAVI, Dan. **Husserl's Phenomenology**. Stanford University Press. Stanford, California. 2003.